



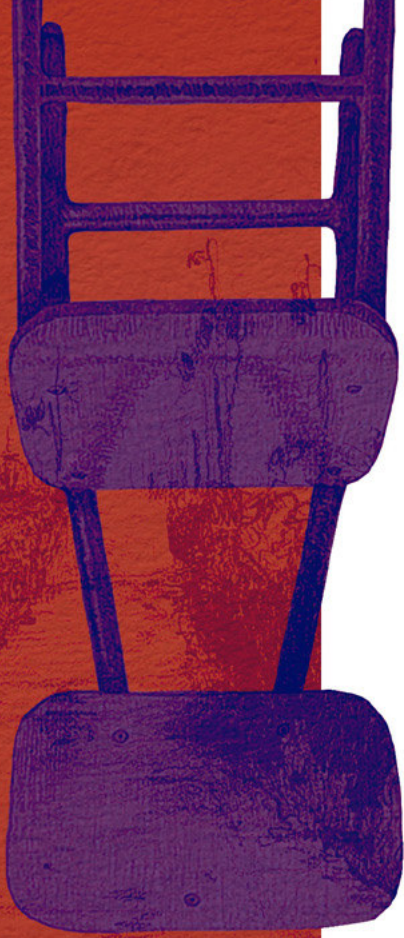
organizadores

Luciana Gruppelli Loponte

Cristian Poletti Mossi

arteversa

arte,
docência
e outras invenções



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

A786

ARTEVERSA: arte, docência e outras invenções / Organizadores
Luciana Gruppelli Loponte, Cristian Poletti Mossi. – São Paulo:
Pimenta Cultural, 2023.

Livro em PDF

ISBN 978-65-5939-628-3

DOI 10.31560/pimentacultural/2023.96283

1. Educação. 2. Arte. 3. Professores. I. Loponte, Luciana Gruppelli
(Organizadora). II. Mossi, Cristian Poletti (Organizador). III. Título.

CDD 370

Índice para catálogo sistemático:

I. Educação

Janaina Ramos – Bibliotecária – CRB-8/9166

ISBN da versão impressa (brochura): 978-65-5939-632-0



12

Luciana Gruppelli Loponte

O campo expandido da arte e da docência:

experimentações
entre Porto Alegre e Lleida

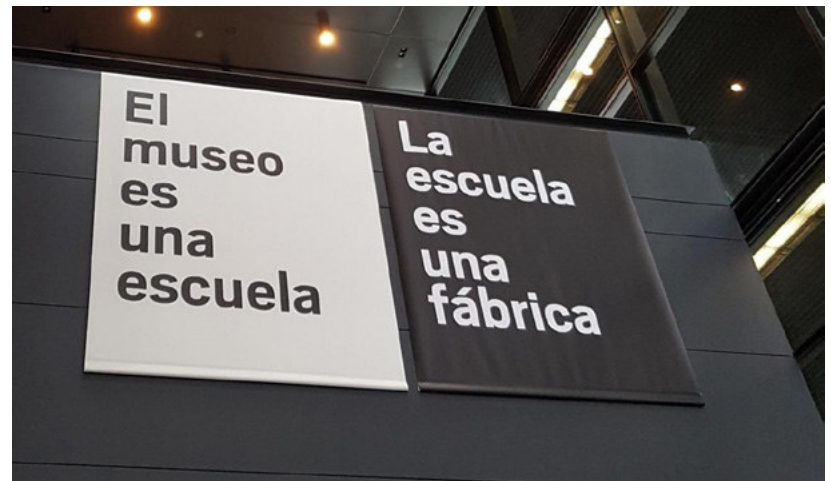
DOI: 10.31560/pimentacultural/2023.96283.12

O museu é uma escola. O artista aprende a se comunicar, o público aprende a fazer conexões.


A frase-conceito de Luís Camnitzer não abre este texto por acaso. A partir de uma provocação do artista a um diretor de um museu que lhe criticava por confundir museu com escola, a frase transformou-se em uma proposta artística implementada em pelo menos 20 museus importantes ao redor do mundo e em uma faculdade de educação, a Facultad de Educación, Psicología y Trabajo Social, na Universidad de Lleida, na cidade de Lleida, Espanha.

Na exposição retrospectiva de sua obra no Museo Reina Sofia, em Madrid, em 2018, intitulada “Hospício de utopias fallidas”, a frase do artista toma novos contornos.

Figura 1 - El museo es una escuela, la escuela es una fábrica. Luiz Camnitzer, exposição “Hospício das utopias fallidas”. Museo Reina Sofia, Madrid, Espanha, 16 de outubro de 2018 a 04 de março de 2019




Fonte: Foto da autora.



A frase acentua a aproximação do artista com o campo da educação, tema que é reiterado em muitos de seus textos e trabalhos. Para ele, “a arte é educação e a educação é arte. Uma das palavras somente adquire sentido quando está dentro da outra” (CAMNITZER, 2017, p. 24). Enquanto aponta o museu como um cenário a partir do qual “o artista toma consciência de que há um público ao qual se está dirigindo e que isso implica certa responsabilidade” (CAMNITZER, 2018, p. 42), a escola também é chamada para essa discussão: se um museu pode ser uma escola, por que a escola continua sendo uma fábrica de sujeitos obedientes e passivos? Por que a escola permanece sendo mais consumidora de conhecimento do que criadora de novas conexões com as possibilidades de conhecer? Se aprofundarmos a discussão lançada por Camnitzer, podemos ainda questionar se realmente um museu pode cumprir a função da escola e vice-versa. Há funções específicas e insubstituíveis que cada instituição cumpre, não há dúvidas. Mas me interessa a provocação lançada pelo artista às instituições culturais que se fecham em si mesmas, relegando seu papel educativo a uma ação secundária ou supérflua. Camnitzer considera que sua obra é uma “infiltração ou uma subversão” e, a partir dela, combate a ideia “do museu como um recipiente hermético para objetos com valor mercantil que se acessa mediante pagamento, para defender a ideia de que o valor do museu é cultural, procede das pessoas e deve voltar a ela transgredindo seus muros arquitetônicos, tirando dessa prisão a instituição” (CAMNITZER, 2021, p. 2018).

As inquietações lançadas por Luís Camnitzer alimentam de algum modo esse texto que apresenta parte de investigação que pretendeu pensar a partir das aproximações possíveis entre processos e práticas artísticas contemporâneas e o campo da educação e formação docente, expandindo as noções tanto de arte como de docência⁶⁸. Nesta direção, o artigo traz para discussão aproximações possíveis e tensões entre processos e práticas artísticas contemporâneas e o

68 Esta pesquisa teve financiamento pelo Edital Universal CNPq 2018.



campo da educação e formação docente, expandindo as noções tanto de arte e estética como de docência. Na perspectiva de problematizar essas aproximações, têm se tomado determinadas práticas artísticas contemporâneas como “plataforma de pensamento” para o campo da docência e sua formação, ao mesmo tempo extraindo do próprio campo educacional e de suas problemáticas que envolvem especialmente a educação, a escola básica e a docência a elas associados, perspectivas que contaminem o modo com o qual a arte e seus processos são pensados. Na esteira dessas questões, analisamos criticamente os desdobramentos do que se tem chamado “virada educacional” no campo das artes visuais, interrogando de que modo este processo ou esse movimento em torno da educação como arte, poderia ter efeito sobre uma possível “virada artística” nos processos de formação docente ou, ainda, uma contaminação mútua entre práticas e processos artísticos e educação, em especial a realizada em espaços escolares formais. Como pano de fundo teórico, estão as problematizações teóricas dos filósofos Nietzsche e Foucault em torno da arte e estética: “vida como obra de arte”, “estética da existência”, a relação entre arte e vida, estética e ética, potencializando a discussão sobre uma dimensão estética da formação e uma docência como campo expandido, passível de contagiar-se pelo campo artístico e cultural, em especial pela produção artística contemporânea (LOPONTE, 2012; LOPONTE, 2017).

Neste sentido, apresento no texto alguns movimentos realizados por dois grupos que têm mantido intensa interlocução nos últimos anos: *Arteversa* – Grupo de estudo e pesquisa em arte e docência, da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e do e do grupo *Espai Híbrid*, da Facultad de Educación, Psicología e Trabajo Social, da Universidad de Lleida, na cidade de mesmo nome, Espanha. A análise dessas experiências e o aprendizado em torno delas, reforçam a potencialidade de espaços de formação que podem ser gerados entre universidade, escola, e práticas artísticas contemporâneas. Tais experiências e discussões fornecem pistas

importantes para pensar em novos modos de experimentar a docência na educação básica e sua formação, envolvendo reverberações que podem emergir das produções artísticas contemporâneas, e novas atitudes éticas e estéticas geradas a partir daí. Este artigo tem caráter ensaístico e compõe parte das discussões empreendidas no âmbito de pesquisa em andamento.

VIRADA EDUCACIONAL NAS ARTES OU UMA VIRADA ARTÍSTICA PARA A EDUCAÇÃO: CAMPOS EXPANDIDOS PARA ARTE E DOCÊNCIA

Ser professora de artes em uma Faculdade de Educação ajudou a configurar em mim um olhar peculiar tanto para o campo da educação quanto para o campo das artes. Acredito que habitar esse entremeio, esse lugar de fronteira disciplinar é um privilégio, que tem me permitido perceber de modo mais próximo o quanto as artes são subestimadas nas discussões mais importantes na pesquisa educacional e, por sua vez, o quanto as discussões educacionais passam ao largo das principais preocupações dos pesquisadores ancorados no campo artístico. Ao mesmo tempo, a partir desse lugar de fissura, percebo a potência da relação entre arte e educação para os dois campos de conhecimento, além do que se espera geralmente. A força desse encontro vai além de estratégias edulcoradas para tornar as práticas pedagógicas mais atrativas, assim como, pode bem mais do que fazer parte de estratégias superficiais para capturar públicos para atividades artísticas em algumas instituições culturais.


Tanto o campo da educação como o das artes tem sido atacado veementemente em tempos que podemos definir, minimamente, como obscuros, em que uma determinada visão econômica e conservadora

do mundo tem tentado se impor, com todas as armas possíveis (ROLNIK, 2018). O momento em que vivemos, de crise permanente, dizem, exige soluções drásticas, cortes de gastos, enxugamento das superficialidades e do que é considerado supérfluo e inútil (ORDINE, 2016). Não há nenhuma novidade no que temos visto em muitas partes do mundo, inclusive no Brasil, mas espanta a voracidade e a ferocidade do ataque às humanidades, às artes, à educação, à intelectualidade e ao pensamento inconformado com as tradições, sejam elas quais forem. No entanto, para quem tem arte e educação encarnados nos modos de vida, não é mais possível voltar atrás. Há um desejo forte de expandir esses campos, mesclar conceitos, criar sentidos. É a partir desse lugar que observo com atenção os movimentos do que se tem chamado “virada educacional” no campo das artes. Já há algum tempo tenho me aproximado de práticas artísticas contemporâneas e suas instigantes provocações aos nossos modos de pensar. É desse lugar a partir do qual penso na docência como um *campo expandido*, tomando emprestada uma expressão cunhada pela crítica de arte Rosalind Krauss e já utilizada no campo das artes há algum tempo (KRAUSS, 2008)⁶⁹.

O mote de Krauss tem sido associado a várias propostas curatoriais e discussões atualizadas sobre o que se faz hoje em artes visuais. A expressão “campo expandido” foi usada diretamente para pensar a educação a partir de paráfrase feita por Pablo Helguera, curador pedagógico da 8ª Bienal do Mercosul⁷⁰, na sua proposta de “pedagogia como campo expandido”. Na sua proposta, o curador concebe a pedagogia como um território que possui diferentes regiões, com ênfase

69 Em artigo publicado originalmente em 1979, a crítica de arte discute o quanto uma categoria cara ao campo das artes visuais, a escultura, pode ampliar seu significado em relação às associações tradicionais mais comuns de escultura com bustos, monumentos ou retratos de personalidades. Os experimentos artísticos da arte contemporânea têm cada vez mais, como já anunciava Krauss, tensionado qualquer pretensão de categoria universal e fixidez de conceitos como escultura, pintura, desenho e fotografia, para citar alguns exemplos. Mais do que categorias ditas universais, essas palavras remetem a um grupo de singularidades, esgarçando convenções, reinventando e expandindo antigas noções sobre o que pode configurar-se como um objeto ou ação artística.

70 A 8ª Bienal de Artes Visuais do Mercosul teve como tema “Ensaio da geopoética” e foi realizada em Porto Alegre, RS, de 10 de setembro a 15 de novembro de 2011. Ver site: <http://bienalmercosul.siteprofissional.com/>



na compreensão do conhecimento sobre arte, além de um suposto conhecimento sobre obras de arte, mas como “uma ferramenta para compreender o mundo” (HELGUERA, 2011, p. 12). Uma ferramenta, uma bússola, um guia improvável para atravessar correntezas e tempestades: poderia a arte ocupar esse lugar? Uma pedagogia que se expande em direção às artes, não em busca de um mero refúgio tranquilo, mas de força pulsante de vida e pensamento, é algo que ressoa fortemente no caminho que tenho trilhado no encontro entre arte e educação.

Enquanto o campo educacional, como grande área, pouco sabe o que fazer com as artes, além do que já é óbvio, é curioso perceber o movimento realizado por parte de alguns artistas visuais e curadores contemporâneos em direção aos processos pedagógicos, principalmente em contraposição a um modo de educação mais tradicional, ou de outra maneira, pensando a arte como um veículo pedagógico para algum tipo de mudança social (HELGUERA, 2011). No âmbito desse movimento difuso, chamado “Virada educacional” (*educational turn* ou *giro educativo*), artistas e curadores de arte de várias partes do mundo têm se voltado de diferentes formas para a educação como temática de produções e exposições (O’NEILL; WILSON, 2010; BISHOP, 2012; ROGOFF, 2008; ALLEN, 2011). Poderíamos dizer que a chamada *virada educacional* consiste em “uma mudança radical nas maneiras de atuar e existir, principalmente, de artistas e curadores, em que o foco da criação e organização de objetos de arte se desloca para a produção de espaços dialógicos e situações de convívio, tendo como uma de suas bases teóricas principais, a pedagogia crítica e investigações experimentais e mais radicais realizadas no campo da educação na década de 1970” (GONÇALVES, 2014, p.18). Tal movimento ou tendência que tem aparecido ao redor do mundo desde 2007, tem como marco as seguintes exposições de arte contemporânea: 6ª Bienal do Mercosul (Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil, 2007), Documenta 12 (Kassel, Alemanha, 2007) e Manifesta (Nicósia, Chipre, 2007). Cabe chamar atenção para a dissonância deste movimento, nem sempre

necessariamente favorável para a área de educação. Se, por um lado a educação é privilegiada (em alguma medida) dentro do sistema da arte, esta concepção, como adverte Borba (2019):


(...) acaba assumindo um caráter divergente, alavancando ainda mais a — já tão poderosa — curadoria, de modo que essa qualificação que se pretende dar à educação através da adjetivação da curadoria enquanto ‘pedagógica’ ou ‘educativa’, reverte-se a seu desfavor, limitando o campo maior de estudo e propriedade da educação, ao mesmo tempo em que reforça a concepção de que a curadoria de fato é a última instância de legitimação e validação” (BORBA, 2019, p. 237).

Irit Rogoff (2008), em um texto fundamental para compreender os movimentos iniciais da chamada virada educacional, já fazia uma autocrítica na forma de indagações:

Estamos falando de ler um sistema pedagógico, através de outro sistema, o de exibição e manifestação, de modo que ambos se instiguem de maneiras que possam se flexibilizar e abrir-se para outros modos de ser? Ou estamos falando de um movimento ativo, um momento gerador em que um novo horizonte emerge no processo, deixando para trás a prática que lhe deu origem? (ROGOFF, 2008, p. 33).

Como pesquisadora que transita entre as áreas de arte e de educação, me interessa a possibilidade de gerar novos horizontes entre esses campos distintos, sem sobrepor ou subestimar um ou outro. Se tal movimento surge especialmente no âmbito das discussões derivadas a partir da reforma universitária europeia através do Tratado de Bolonha, na América Latina (CERVETTO; LÓPEZ, 2018) e especialmente no Brasil, esse movimento encontra terreno fértil em um período de ampla democratização e investimento maciço na ampliação do acesso à arte e cultura nos governos de esquerda que precederam o golpe parlamentar em 2016.

Chama a atenção, por exemplo, a apropriação realizada por artistas e curadores internacionais das experiências e produções teóricas do




brasileiro Paulo Freire, em especial as decorrentes de sua atuação na alfabetização de adultos antes da ditadura militar brasileira (1964-1985)⁷¹. Da mesma forma, destaco particularmente as experiências realizadas no âmbito de várias edições da Bienal do Mercosul em Porto Alegre, especialmente de 2009 a 2013. Estas edições (6^a a 9^a) atraíram artistas e curadores com forte atuação nesse campo artístico-pedagógico ao redor do mundo. Especificamente a Bienal do Mercosul, que acompanhamos mais de perto, foi conhecida internacionalmente como “Bienal Pedagógica”, inaugurando o termo “curador pedagógico”, utilizado pela primeira vez através da atuação do artista uruguaio Luís Camnitzer na 6^a Bienal do Mercosul, realizada em 2007, na capital do Rio Grande do Sul. As discussões pedagógicas oriundas dessas edições da Bienal, que certamente extrapolam o contexto específico das exposições, são fartamente registradas em publicações tais como *Educação para a arte/Arte para a educação* (PÉREZ-BARREIRO; CAMNITZER, 2009), *Pedagogia do campo expandido* (HELGUERA; HOFF, 2011), *Micropolis experimentais: traduções da arte para a educação* (CARO, 2009). Apesar da marca pedagógica que caracterizou por muito tempo as edições da Bienal do Mercosul, especialmente até a sua nona edição, esta característica não tem conseguido manter-se, a depender dos interesses institucionais e corporativos da fundação que a sustenta.

O foco em educação, de diferentes maneiras, de cada uma dessas exposições de caráter e alcances distintos, não as exime de críticas quanto aos seus objetivos. Como expõe Honorato (2007, p. 119), ao destacar que esses programas “têm tudo para ser um instrumento de reprodução da lógica corporativa e das exclusividades que ela determina”.


Ainda assim, penso que há muito para extrair de tais movimentos não apenas para o campo artístico e sua lógica própria, que

71 Em entrevista originalmente realizada em 1978 e publicada pela primeira vez em português em 2016, Freire diz, ao ser perguntado sobre a relação entre educadores e política no Brasil e em outras sociedades: “Ser ao mesmo tempo educador e político não é um privilégio do Brasil! Estou convencido disso. Enquanto professores, somos políticos e também artistas” (FREIRE, 2016, p. 2).




excede o puramente estético e cumpre o *script* capitalista. Como alerta Rolnik (2018, p.93), “a arte tornou-se um campo especialmente cobigado como fonte privilegiada de apropriação da força criadora pelo capitalismo com o fim de instrumentalizá-la”. No campo da mediação educacional, Honorato aposta com as possibilidades de, estrategicamente, jogar com “as expectativas da lógica corporativa, nos seus interstícios, nas entrelinhas de seus editais” (2007, p. 125). Mas o mais importante, a meu ver, e, em especial para o campo educacional e sua relação com as artes, “é a reconstituição de um sentido de autonomia que não é mais o do paradigma estético-formalista, mas o de um paradigma estético-político, que por sua vez não seja alheio aos perigos da vida e a um sentido de história” (HONORATO, 2007, p. 125).

Mas o que seria um paradigma estético-político e quais são as implicações para a área da educação e para o que quero dizer neste artigo, em especial? Alio-me a autores que têm reforçado a necessidade de romper com o excessivo verniz formalista em que se baseiam propostas artísticas e, acrescento, as propostas educativas envolvendo arte, as despindo de qualquer sentido político e de relação estreita com a vida de cada um e de todos nós. Quando a experiência estética toca a política, ela se define como “experiência de dissenso” ou com “operações de reconfiguração da experiência comum do sensível” (RANCIÈRE, 2012, p. 63) ou ainda podemos pensar a partir daí quando “novas formas de circulação da palavra, de exposição do visível e de produção dos afetos determinam capacidades novas, em ruptura com a antiga configuração do possível” (RANCIÈRE, 2012, p. 63). O que produções artísticas fazem conosco, como afetam a nossa experiência e nosso modo de atuar no mundo? Não se trata da busca por uma “imediatez ética”, tal como alerta Rancière, mas de uma atitude aberta a novos posicionamentos, rompendo com antigas formas de pensar, sem necessariamente um programa de ação definido ou do encontro de soluções fáceis para as problemáticas contemporâneas.




É nesse sentido que reivindico uma virada artística para os processos formativos em educação, especialmente para a docência que habita a escola básica. Virada, giro, *turning*: voltar-se para outro lado, girar 360 graus, mudar a rota em direção às múltiplas possibilidades que a arte pode oferecer para os processos formativos, muito além do modo como se subestima seu lugar no campo da educação. Há aqui o desejo de um movimento ativo, como indaga Rogoff (2008, p. 33), que seja “um momento gerador em que um novo horizonte emerge no processo, deixando para trás a prática que lhe deu origem”. Uma virada nos processos formativos para a docência em que a relação entre arte, estética, ética e política sejam imprescindíveis. Os grupos Espaço Híbrido e Arteversa têm experimentado, cada um a seu modo, a criação de relações entre arte e educação que ultrapassam o que chamamos de “ensino de arte” ou dos cada vez menores espaços curriculares que a arte ocupa a partir de uma lógica neoliberal e produtivista. Que docências cada grupo tem instigado?

ENTRE PORTO ALEGRE E LLEIDA: INVENÇÃO DE DOCÊNCIAS COM PRÁTICAS ARTÍSTICAS CONTEMPORÂNEAS



Voltamos à Bienal do Mercosul como marco importante da relação entre os dois grupos. Em 2015, durante a programação da 10ª edição da mostra, conhecemos a professora Glòria Jové, da Universidade de Lleida, Espanha, que fazia parte de algumas ações educativas que precederam a exposição em Porto Alegre. Desde então, iniciamos uma interlocução constante que perdura até hoje. Temos em comum o desejo de contaminar os processos formativos docentes com arte contemporânea e o compromisso com a escola básica, cada um a seu modo.



Tive a oportunidade de visitar a Universidad de Lleida várias vezes participando de eventos ou bancas organizadas pelo Espai Híbrid e especialmente, uma estadia como professora visitante durante quatro meses, com financiamento da CAPES, de novembro de 2018 a fevereiro de 2019.


O grupo Espai Híbrid, coordenado pela professora Glòria Jové, realiza suas ações a partir da Facultad de Educación, Psicología e Trabajo Social, na Universidad de Lleida, na cidade de mesmo nome, que se localiza na região da Catalunha, próximo à Barcelona⁷².

O grupo trabalha com algumas disciplinas específicas dos cursos de Educación Primaria, Educación Infantil, Educación Social, Educación Física, entre outros, e em cursos de Maestría e Doutorado. Além disso, o grupo atua com ações de formação específicas em escolas da região, envolvendo instituições culturais diversas. Na tentativa de criar condições mais significativas e inclusivas para os estudantes, em parceria com algumas escolas de educação básica, um dos marcos para o grupo foi a aproximação com o Centro de Arte La Panera⁷³ de Lleida em 2008 que, na época, era dirigido por Glòria Picazo. A diretora acreditava que um centro de arte “não é exclusivamente um espaço para mostrar exposições de arte contemporânea, mas uma plataforma de produção, exibição e difusão da criação atual, assim como um espaço de reflexão sobre a sociedade em que se implanta” (PICAZO, 2017, p. 15).

A frutífera parceria entre o grupo Espai Híbrid, o centro de Arte La Panera e a Escola Princep di Vianna, foi aprimorando os processos de formação de todos os envolvidos como alguns dos seguintes projetos: foi criado um espaço próprio do museu dentro da Facultad de

72 Em entrevista originalmente realizada em 1978 e publicada pela primeira vez em português em 2016, Freire diz, ao ser perguntado sobre a relação entre educadores e política no Brasil e em outras sociedades: “Ser ao mesmo tempo educador e político não é um privilégio do Brasil! Estou convencido disso. Enquanto professores, somos políticos e também artistas” (FREIRE, 2016, p. 2).


73 Sobre o centro, ver o site: <http://www.lapanera.cat/>



Educación, Psicología e Trabajo Social chamado Zona Baixa, em que a interlocução próxima com os artistas desencadeou inúmeros projetos produzidos pelos estudantes; a aproximação com as exposições do centro de arte passou a ser o motor das discussões curriculares interdisciplinares da Escola Princep di Vianna, com a participação dos estudantes da Universidad de Lleida; a visita às exposições de arte contemporânea e derivas pelo território de Lleida tem sido recriadas e incorporadas a projetos e contextos educativos desenvolvidos pelos estudantes com reflexões críticas sobre o currículo da educação básica, entre outros.

Uma das ações marcantes do grupo foi a aproximação com Luís Camnitzer. O artista instalou na Faculdade de Lleida a frase que abre este texto: “O museu é uma escola, o artista aprende a se comunicar, o público aprende a fazer conexões”. Esta frase, surgida a partir de uma ação do artista quando era curador pedagógico da 7ª Bienal do Mercosul, em Porto Alegre, já foi estampada em vários museus do mundo e foi, pela primeira vez, traduzida ao catalão e situada fora de um museu, marcando de forma permanente a fachada da Facultad de Educación, Psicología e Trabajo Social da UDL. Depois de uma ação de micromecenato com a contribuição da comunidade de Lleida, a obra foi adquirida de forma permanente pela universidade:


Por que intervimos esta frase em nossa faculdade? Na Faculdade de Educação, Psicologia e Trabalho Social da Universidade de Lleida e na graduação de professores e professoras de Educação Primária, aprendemos a nos comunicar em torno da arte contemporânea nos espaços e com os recursos comunitários que a cidade e o território nos oferecem. A metodologia que concretizamos pretende viver e experimentar a interação com a arte como meio de expansão do conhecimento e de compreensão de nossa realidade humana. Ela nos permite abrir olhares e realizar conexões com o fim de dar resposta a heterogeneidade, a complexidade e a incerteza que caracterizam os séculos XXI (JOVÉ, 2017, p. 43).



As ações do grupo Espai Híbrid e da professora Glòria Jové têm se ampliado no território, com ações em várias escolas e museus da região. Destaco a ação “Museu é uma escola” que, inspirada na frase de Camnitzer, tem aproximado museus e escolas de uma forma pouco usual, muito além de visitas guiadas. Em 2020, o Espai Ermengol-Museu de la Ciutat de la Seu d’Urgell, na cidade de Urgell, organizou uma exposição com curadoria de Glòria Jové e Anna López, envolvendo as obras do acervo sobre o patrimônio natural da cidade e cinco escolas da região. As escolas trabalharam durante o ano letivo sobre o acervo da exposição, com a assessoria de Glòria e criaram trabalhos que foram expostos no próprio museu, em um diálogo que ampliou as possibilidades de cada obra⁷⁴. Este projeto tem se replicado em várias cidades do território, com parceria com museus locais, muitas vezes envolvendo também estudantes dos cursos de Educación Primária e outros de formação inicial de professores. A intenção aqui é gerar *art encounters*, expressão tomada de O’Sullivan (2006), especialmente com obras de arte contemporânea, entendendo-as como situações que desafiam as nossas noções pré-concebidas sobre o funcionamento do mundo. Para Glòria Jové, a arte é considerada em cada um desses projetos distintos, como “um potenciador de possibilidades e de mundos possíveis, o que permite às futuras professoras a atrever-se a construir narrativas para repensar seus modelos educativos e, em consequência, os contextos e as práticas escolares e educativas” (JOVÉ, 2017, p. 45).

Em Porto Alegre, iniciamos a trajetória formal do grupo Arteversa em 2015, com a criação do grupo de pesquisa, inserção deste no Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq e com a criação do *site*. O grupo foi formado inicialmente por mestrandos, doutorandos, estudantes de Iniciação Científica, além de ex-estudantes da pós-graduação. Aos poucos, também foram sendo integrados docentes com interesses afins de outras universidades. A criação do *site* (www.ufrgs.br/arterversa) foi motivada pelo desejo de aproximar docentes de práticas

74 Para saber mais sobre esta ação, ver: <http://www.espaihibrid.udl.cat/?p=3299>



artísticas contemporâneas, por vezes tão herméticas para um público leigo. A pergunta lançada no *site* - *Que relações podemos estabelecer entre arte contemporânea, educação e formação docente?* - indica o desejo de provocar deslocamentos em modos de pensar sobre temas emergentes, afeitos a vida de cada um e à vida coletiva, tais como infâncias, feminismos, racismos cotidianos, sexualidade, ambiente, escola e tantos outros. A partir de uma curadoria própria do grupo, pautada pelo entendimento de uma formação estética disparada por “experiências de dissenso” (RANCIÈRE, 2012), apresentamos uma coleção de artistas, escritos em linguagem que procura a aproximação com o público do campo da educação, buscando despertar novas possibilidades de pensar e entender o mundo que nos cerca, com abertura às diferenças, ao imponderável, ao inusitado, a “novas configurações do possível” (RANCIÈRE, 2012).

A coleção de artistas apresentada no *site* é atualizada regularmente e conta com mais de 60 artistas ou coletivos, lançando novas questões para a docência, sem nenhuma pretensão moralizante ou didatizante. Não temos a intenção de ensinar arte contemporânea ou de ensinar docentes como utilizar arte contemporânea na escola. Com nossa coleção de artistas fazemos um convite, uma convocação para que nossas práticas pedagógicas sejam, de algum modo, impregnadas por modos de pensar e estabelecer relações que advém dessas produções artísticas. Para isso, temos escolhido artistas ou coletivos que, como diz Rancière (2012, p. 64), “(...) se propõem mudar os referenciais do que é visível e enunciável, mostrar o que não era visto, mostrar de outro jeito o que não era facilmente visto, correlacionar o que não estava correlacionado, com o objetivo de produzir rupturas no tecido sensível das percepções e na dinâmica dos afetos”. Nesse sentido, entendemos tais produções “como experiências epistemológicas que renovam as formas de perguntar, traduzir e trabalhar com o incompreensível e o surpreendente” (CANCLINI, 2012, p. 51).



Dentre os mais de 60 artistas apresentados no *site* estão alguns como: *Lorenza Bottner: a potência de um corpo que perturba*; *Vidas negras, ironia e violência: a insurgência na pele de Sidney Amaral*; *JR e o sonho de dar visibilidade aos invisíveis*; *Grada Kilomba: feridas do colonialismo e desobediências poéticas*; *Victoria Santa Cruz e escuta das mulheres negras em arte e educação*; *Yeguas del apocalipsis: corpos em eclosão e criação de novos mundos*; *Qual o lugar da arte no nosso mundo?* *Ana Flávia Baldisserotto e a arte de escutar histórias*; *Coletivo Adentro: pontes e pinguelas da arte entre a cidade e as comunidades do interior*; *Em tempos de #fiqueemcasa, onde as crianças dormem?*; *Qual o nome do seu medo?*; *“Fiquemecasa: elas sempre estiveram lá*; *Violência #emcasa: quando a arte de mulheres rompe o silêncio – PARTE 1*; *Violência #emcasa: por que tremem as mulheres? – PARTE 2*; *Comida, fome e arte: Temos fome de quê?*; *Daniel Canogar: que geologias são possíveis com nossos vestígios?*; *Pandemia e arte: resistência ao novo coronavírus*; *Jota Mombaça: não vamos nos matar agora*; *Maxweel Alexandre: das vielas da Rocinha e dos museus*; *Arte Indígena Contemporânea: olhares e busca de uma professora de artes visuais*; *Arte indígena contemporânea: territórios e pertencimento*; *Angélica Dass e o projeto Humanae: qual a cor da sua pele?*; *Jaci dos Santos: “crio obras que libertem”*; *Ficções da guerra: o que as imagens de guerra nos dizem?*; *Mujeres creando: a arte de tecer solidariedades*, entre outros.

O grupo *Arteversa – Grupo de estudo e pesquisa em arte e docência*, além da produção de conteúdo do *site*, tem fomentado discussões em torno da arte e formação docente em publicações, palestras, pesquisas de iniciação científica, dissertações de mestrado, teses de doutorado, reuniões abertas, cursos de extensão.

ARTE E DOCÊNCIA EM MOVIMENTO

Há muitos movimentos gerados na aproximação entre arte e docência, e é o que buscou-se apresentar aqui, a partir de algumas discussões e do encontro entre dois grupos de pesquisa. Busca-se que a docência, qualquer docência dos diferentes níveis da educação básica, seja capaz de expandir-se em direção às artes e, em particular, ao olhar de dissenso para o mundo que pauta algumas práticas artísticas contemporâneas. Há um campo expandido e aberto a ser explorado pela docência e sua formação a partir das artes e que ultrapassa um espaço curricular destinado apenas a alguns. O encontro entre arte e docência pode ser tenso, a fusão entre arte e educação pode estar marcada por disputas institucionais e relações de poder, mas defende-se aqui que o movimento de virada a ser feito – uma virada artística ou estética – pode potencializar os processos formativos docentes, muito além das expectativas gerencialistas e produtivistas dos projetos neoliberais para a educação (BALL, 2012).

A frase de Camnitzer que abre este texto pode ser interpretada de diferentes maneiras e pode receber olhares desconfiados tanto daqueles que ocupam a escola e a docência, quanto daqueles que ocupam os espaços institucionais das artes contemporâneas: artistas, curadores e direções institucionais. Habitando um entremeio, podemos perguntar: o que o campo das artes busca com o que entende por educação? E, principalmente, o que o campo da educação e da formação docente ganha com uma aproximação maior com o campo das artes e sua produção? Extrair, filtrar, subverter, infiltrar, criar, inventar, aprender, errar, talvez sejam ações possíveis. Como Cervetto e López, acredito que há uma urgência (mais ainda na América Latina):

A forma de habitar e construir os terrenos da arte e da educação se encontra atravessada pela necessidade de redefinir a nossa própria cidadania e de reimaginar o projeto democrático com

princípios éticos, buscando recompor um tecido social fragmentado pela violência, pela discriminação e pela intransigência (CERVETTO; LÓPEZ, 2018, p. 12).

A urgência é ética, estética e política. Aqui estamos.

REFERÊNCIAS

ALLEN, Felicity (org.). **Education** (Documents of contemporary art). Whitechapel Gallery: London, 2011.

BALL, Stephen. Reforma educacional como barbárie social: economismo e o fim da autenticidade. **Práxis Educativa**, Ponta Grossa, v. 7, n. 1, pp. 33-52, jan./jun. 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.5212/PraxEduc.v.7i1.0002> Acesso em 28 de julho de 2021.

BISHOP, Claire. **Artificial Hells: Participatory Art and the Politics of Spectatorship**. Brooklyn, Nueva York, EUA: Verso, 2012.

BORBA, Andressa C. Gerlach. Sobre o ofício do curador pedagógico: gênese do termo, virada educativa e desdobramentos. **ÍCONE**, Revista Brasileira de História da Arte, v.4, n.4, pp. 218-239, julho 2019.

CAMNITZER, Luís. Introdução. *In*: PÉREZ-BARREIRO, Gabriel, CAMNITZER, Luís (org.). **Educação para a arte Arte para a educação**. Porto Alegre: Fundação Bienal do Mercosul, 2009.

CAMNITZER, Luís. **Arte y pedagogia**. Esfera Pública, 2015. Disponível em: <http://esferapublica.org/nfblog/arte-y-pedagogia/> Acesso em 16 de abril de 2016.

CAMNITZER, Luís. Ni arte ni educación. *In*: GRUPO DE EDUCACIÓN MATADERO MADRID (org.). **Ni arte ni educación: una experiencia em que lo pedagógico vertebraba lo artístico**. Madrid: Catarata, 2017.

CAMNITZER, Luis. **Hospicio de utopias fallidas**: Museo Reina Sofia, 2018-2019.

CAMNITZER, Luis. **El museo: es la escuela, son ustedes**. Kultur, vol. 8, n.16, 2021.

CANCLINI, Néstor García. **A sociedade sem relato: antropologia e estética da iminência**. São Paulo: EDUSP, 2012.

CARO, Marina de (orgs). **Micropolis experimentais: traduções da arte para a educação**. Porto Alegre: Fundação Bienal do Mercosul, 2009.

CERVETTO, Renata, LÓPEZ, Miguel A. O horizonte transformador da educação. *In*: CERVETTO, Renata, LÓPEZ, Miguel A. **Agite antes de usar: deslocamentos educativos, sociais e artísticos na América Latina**. SESC: São Paulo, 2018.

FREIRE, Paulo. Educadores são políticos e artistas— uma entrevista com Paulo Freire. **Fórum Permanente**, n.6, 2016.

GONÇALVES, Mônica Hoff. **A virada educacional nas práticas artísticas e curatoriais contemporâneas e o contexto de arte brasileiro**. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais), UFRGS, 2014.

HELGUERA, Pablo; HOFF, Mônica (orgs.). **Pedagogia no campo expandido**. Porto Alegre: Fundação Bienal do Mercosul, 2011.

HELGUERA, Pablo. Transpedagogia. *In*: HELGUERA, Pablo; HOFF, Mônica (orgs.). **Pedagogia no campo expandido**. Porto Alegre: Fundação Bienal do Mercosul, 2011.

HONORATO, Cayo. Expondo a mediação educacional: questões sobre educação, arte contemporânea e política. **ARS** (São Paulo), v. 5, n. 9, pp. 116-127, 1 jan. 2007.

JOVÉ MONCLÚS, Glòria. **Maestras contemporaneas**. Universidad de Lleida: Lleida, 2017.

LOPONTE, Luciana Gruppelli. Desafios da arte contemporânea para a educação: práticas e políticas. **Archivos Analíticos de Políticas Educativas / Education Policy Analysis Archives**, v. 20, pp. 1-19, 2012.

LOPONTE, Luciana Gruppelli. Tudo isso que chamamos formação estética: ressonâncias para a docência. **Revista Brasileira de Educação**, v.22, n.69, p. 429-452, abr-jun. 2017.

O'NEILL, Paul; WILSON, Mick (eds.). **Curating e educational turn**. Londres: Open, 2010.

O' SULLIVAN, Simon. **Art Encounters Deleuze and Guattari: Thought Beyond Representation**. NY, Palgrave Macmillan, 2006

ORDINE, Nuccio. **A utilidade do inútil: um manifesto**. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.

PÉREZ-BARREIRO, Gabriel; CAMNITZER, Luís (org.). **Educação para a arte Arte para a educação**. Porto Alegre: Fundação Bienal do Mercosul, 2009.

PICAZO, Glòria. El arte contemporáneo al servicio de la comunidade educativa. *In*: JOVÉ MONCLÚS, Glòria. **Maestras contemporaneas**. Universidad de Lleida: Lleida, 2017.

RANCIÈRE, Jacques. **O espectador emancipado**. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

ROGOFF, Irit. **Turning**. e-flux Journal, n. 0, nov. 2008. Disponível em: <http://www.e-flux.com/journal/turning/> Acesso em 27 de julho de 2016.

ROLNIK, Suely. **Esfemas da insurreição**: notas para uma vida não cafetinada. São Paulo: n-1 edições, 2018.